"Estar-junto nas arquibancadas": Comunicação, Sociabilidade e Vínculos Entre Mulheres Torcedoras em Curitiba-PR[1]

Jeniffer Thais Moreira[2]
Wellington Teixeira Lisboa[3]
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

RESUMO
Este trabalho propõe analisar a sociabilidade e a formação de torcidas de mulheres dos clubes Coritiba e Athletico Paranaense. A metodologia combina revisão bibliográfica sobre mulheres no futebol (GOELLNER, 2009; COSTA, 2006) e comunicação interacional (FRANÇA, 2001; 2016; 2018) com quatro entrevistas em profundidade, investigando como as vivências comunicacionais e o "estar-junto" transformam os estádios em espaços de acolhimento e resistência. Os resultados indicam que a comunicação, possibilita a criação de redes de afeto materializadas em coletivos de mulheres torcedoras, situando as arquibancadas como um território de vinculação social e identitária.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; futebol; mulheres torcedoras; sociabilidade; torcidas organizadas de futebol.

INTRODUÇÃO

Assim como a alcunha de "país do futebol", o Brasil produz outras particularidades com o esporte, sendo uma delas o nome que se dá ao ato de acompanhar a prática. Esse vocabulário, que em muitos países é denominado como fã, apoiador ou aficionado, tem no Brasil a expressão "torcer" como o maior sinônimo da interação entre os indivíduos e o esporte. Malaia (2011) e Souza (2024) explicam que uma das origens aceitas para o termo e suas variações surge no início do século XX, por jornais esportivos que utilizavam "torcida" quando se referiam às mulheres acompanhando jogos de futebol nas arquibancadas e que "torciam seus objetos enquanto pulavam e gritavam pelos seus jogadores favoritos" (MALAIA, 2011, p. 64).

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT21SU - Perspectivas sobre gênero, sexualidade e diversidade na comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.
[2] Estudante de graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, e-mail: jeniffermoreira@alunos.utfpr.edu.br
[3] Orientador do trabalho e professor do Departamento de Linguagens e Comunicação (DALIC) da UTFPR, e-mail: wtlisboa@utfpr.edu.br

Ainda sobre esse período, Costa (2006) destaca que a presença de mulheres em um tempo em que o futebol buscava firmar sua popularidade era incentivada, mas tratada como algo instrumental: eram bem-vindas para assistir, para compor a paisagem social da arquibancada, para atestar com seu comparecimento a importância da partida; não eram, contudo, bem-vindas para compreender as dinâmicas do esporte, para opinar sobre lances ou para discutir táticas. Instaura-se, assim, uma contradição entre o nome que se lhes atribuía, "torcedoras", sujeitas do verbo torcer, e o lugar social que efetivamente ocupavam, o de espectadoras silenciosas cuja função era validar, não participar.

Além da violência manifestada nas limitações de acesso ao esporte, situação que pode ser problematizada como uma violação do direito constitucional ao lazer, os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022) expõem como o esporte, como problematiza Goellner (2005, p. 144), é um território "essencialmente" masculino. O aumento de 23,7% nas ameaças contra mulheres e de 25,9% em lesões corporais dolosas em dias de jogos em "casa" demonstra que os estádios e seu entorno se configuram como palcos de reprodução de violência de gênero.

Diante disso, destacam-se iniciativas em nível nacional, como o PL n.º 4.842/2023, proposições legislativas de campanhas contra a importunação sexual em estádios (CURITIBA, 2023; 2025) e decisões jurídicas como a substituição de jogos com "portões fechados" (ou seja, sem a torcida nas arquibancadas) pela liberação de um público composto exclusivamente por mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência (PCDs), ocorrido pela primeira vez na capital paranaense em 2023 e replicado a nível nacional desde então.

A partir desta contextualização e da concepção da comunicação enquanto práxis de França (2016; 2018), que define o comunicar não como transmissão de informações, mas como uma experiência humana e relacional, esta pesquisa propõe analisar as vivências comunicacionais de mulheres torcedoras de Curitiba-PR a partir do conceito de sociabilidade, investigando de que maneira o "estar-junto" e as vivências comunicacionais produzem dinâmicas de resistência em contexto historicamente marcado pela masculinidade, como o futebol.

METODOLOGIA

A investigação deu-se por meio de quatro entrevistas em profundidade semiestruturadas[4] com mulheres integrantes das torcidas organizadas Atleticaníssimas e Gurias do Couto, ambas exclusivamente compostas por mulheres torcedoras do Athletico Paranaense (Daiane e Michele) e Coritiba (Josiane e Natalia). A escolha por este método justifica-se pela necessidade de capturar o dizer, explorando as narrativas e percepções individuais de cada torcedora, e pela compreensão de que a comunicação é uma ação com o outro marcada pela reflexividade ao produzir sentidos sobre si mesmas. Com o consentimento e autorização formal das participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas usando o software oTranscribe.

A partir da identificação dos termos mais frequentes[5] nas falas das participantes, as falas foram analisadas com base nos conceitos de interação, conflitos e sociabilidade propostos por França (2001; 2016; 2018). Esses conceitos foram considerados dinâmicas essenciais para entender as experiências comunicacionais das mulheres nas arquibancadas de Curitiba. Para fins de análise, o presente trabalho foca no eixo de sociabilidade, enquanto os demais eixos compõem a análise completa realizada na monografia "Torcida, substantivo feminino: vivências comunicacionais de mulheres torcedoras nos estádios de Curitiba", da qual a presente pesquisa faz parte.

"MAS POR QUÊ VOCÊS PRECISAM IR JUNTAS?": COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADE E CRIAÇÃO DE VÍNCULOS ENTRE MULHERES NAS ARQUIBANCADAS

A experiência de torcer sozinha é descrita de forma unânime nos relatos das quatro interlocutoras como um exercício de invisibilidade e tensão. Natália e Michele apontam que, ao frequentarem o estádio de forma isolada, a interação com o entorno é frequentemente mediada pelo silenciamento: o saber da mulher sobre o jogo é posto em dúvida e, assim como as mulheres no início do futebol no Brasil, sua presença é tolerada, mas raramente legitimada. À medida que as interações entre as mulheres tornaram-se vínculos e, consequentemente, as torcidas Atleticaníssimas e Gurias do Couto, essa experiência nas arquibancadas passa por uma ressignificação do eu (a

[4] Entrevistas realizadas entre 17/03/2026 e 04/04/2026, sendo três via Google Meet e uma presencial. As entrevistadas foram abordadas previamente via Instagram, tendo como critério a identificação dos seus perfis marcados com frequência em publicações das torcidas Atleticaníssimas (@atleticanissimas) e Gurias do Couto (@guriasdocouto).

[5] Os 15 termos mais encontrados nas transcrições, utilizados para delimitar os conceitos para a análise: grupo, violência, coletivo, respeito, relação, união/unir, acolhimento, assédio, amizade/amigas, convivência, pertencimento, debate/discutir, acolhimento, briga, vigilância.

torcedora) para o nós (o coletivo). Se a comunicação é o lugar onde os sujeitos se constituem (FRANÇA, 2001), ao se agruparem, elas deixam de ser "corpos estranhos" na arquibancada para se tornarem sujeitos de uma prática compartilhada.

A transição da solidão para a coletividade inaugura o que França (2018), resgatando Simmel, define como sociabilidade: a forma lúdica da socialização, em que o valor da interação reside no próprio "estar-junto". O relato de Daiane sobre o início do coletivo Atleticaníssimas ilustra essa dimensão: a motivação primária era o prazer da companhia, de assistir aos jogos e ficarem juntas; a sociabilidade despoja-se de fins puramente pragmáticos para se tornar um espaço de liberdade.

Como unanimidade entre os relatos das interlocutoras, o ápice desta sociabilidade plena e liberta do julgamento masculino materializou-se nos episódios recentes de jogos com público restrito a mulheres e crianças em Curitiba, em que experimentaram uma forma de estar-junto de maneira catártica. Michele relata que o impacto dessa atmosfera interacional foi tão avassalador que, após os jogos em 2023, tatuou a palavra "mulher" na própria pele como registro da energia daquele dia.

Se França (2001) aponta que o sentido da comunicação completa-se especificamente na ambiência partilhada, a experiência daquele evento para essas mulheres ilustra como as interlocutoras são afetadas e se modificam no curso das interações (FRANÇA, 2016, p. 162) ao mesmo tempo em que transformam a realidade em que estão inseridas. As interações tornam-se a persistência da vida social, e o ato de ir junto, portanto, é o que permite a essas mulheres converter um ambiente essencialmente masculinizado em um território de socialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise interpretativa das vivências comunicacionais das torcedoras curitibanas evidencia que o ato de torcer, quando articulado em coletividade, ultrapassa o consumo do espetáculo esportivo para se consolidar como práxis comunicacional. À luz do pensamento de França, compreende-se que a formação de grupos como as Atleticaníssimas e as Gurias do Couto se configura como uma instância de realização do social em que, por meio da dimensão afetiva, da socialidade e do prazer lúdico do estar-junto, essas mulheres reconfiguram a atmosfera das arquibancadas, transformando um espaço historicamente hostil e excludente em, aos poucos, um território de acolhimento e reconhecimento mútuo. Para além disso, a continuação do presente

estudo poderá compreender como, além da interação e da sociabilidade construída, comunicar é agir em uma arena de disputas por sentido e, consequentemente, negociações e conflitos são elementos constituintes do cotidiano e da própria prática comunicacional.

Por fim, conclui-se que o estádio, ao ser disputado e habitado por essas redes de afeto, reafirma seu potencial como um espaço dinâmico de produção de sentido e de vida. A experiência das mulheres em Curitiba demonstra que a comunicação, quando ancorada na criação de vínculos autênticos, possui a força motriz necessária para subverter as lógicas de poder estabelecidas. O relato de Daiane, ao explicar o que, para ela, significa torcer, sintetiza essa dinâmica; para a interlocutora, torcer (para uma mulher) é permanecer, é não deixar que tirem as mulheres de um lugar que é delas por direito. Ao converterem a invisibilidade em protagonismo, essas torcedoras não apenas reivindicam o seu lugar na arquibancada, mas ressignificam o que significa torcer, provando que a existência social só resiste e avança quando fundamentada na presença, no pertencimento e na interação coletiva.

REFERÊNCIAS

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade,** ano 2, n. 4, nov. 2006/fev. 2007.

CURITIBA. [Projeto de Lei nº 031.00069.2023]. **Substitutivo Geral ao Projeto de Lei, Proposição nº 005.00029.2023,** que "Institui campanha de combate à importunação sexual nos estádios de futebol e demais locais onde se realizam atividades desportivas no Município de Curitiba". Curitiba: Câmara Municipal, 2023. Disponível em: https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&ordena=031.00069.2023&pro_id=491859&popup=s&chamado_por_link&pesquisa=mulheres%20futebol . Acesso em: 15 fev. 2026.

CURITIBA. [Projeto de Lei nº 005.00012.2025]. **Institui campanha de combate à importunação sexual nos estádios de futebol.** Curitiba: Câmara Municipal, 2025. Disponível em: https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&ordena=005.00012.2025&pro_id=524296&popup=s&chamado_por_link&pesquisa=mulheres%20futebol . Acesso em: 15 fev. 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: FBSP, 2022.

FRANÇA, Vera V. O objeto da comunicação, a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de Teorias da Comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FRANÇA, Vera V. Sociabilidades: implicações do conceito no estudo da comunicação. In: MOURA, F. A. et al. (Orgs.). **Produção de sentidos e tecnologia: estudos contemporâneos em Comunicação.** São Luís: EDUFMA, 2018.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 1 jun. 2005.

HOLLANDA, B. BB; MALAIA, J. MC; TOLEDO, L. H; MELO, V. A. **A torcida brasileira.** Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

SOUZA, C. V. **A diversidade da concepção do torcer no futebol.** Ludopédio, 24 out 2024. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-diversidade-da-concepcao-do-torcer-no-futebol/. Acesso em: 15 abr. 2026.